



Quinto Céu, onze mil e quinhentos anos antes de Cristo.

LÚCIFER ACOMODOU-SE NO TRONO DOURADO. Olhou para o chão, admirando o próprio reflexo. Sobre a cabeça, cinquenta metros acima, uma gigantesca cúpula de cristal multicolor filtrava os raios de sol, criando ilhas de luz, destacando a bancada dos arautos e finalmente consagrando o altar dos gigantes como ponto máximo de poder e reverência. Aquele era o Palácio Celestial, uma construção de magnífico esplendor, projetada pela casta dos serafins como símbolo eterno de poder dos arcanjos, com suas paredes e colunas de ouro, vitrais e rosáceas, torres, domos e baluartes.

O Filho do Alvorecer suspirou ao se recostar, solitário. Não ocupava o trono mais alto, o que era uma lástima, uma *vergonha*, como costumava pensar. Tinha lugar à direita do irmão, Miguel, e no mesmo patamar do benévolo Rafael, ligeiramente acima “dos outros”. Julgava-se muito mais inteligente do que seus iguais, e além disso era belíssimo. Na verdade, pensou, era ainda mais valoroso que Deus – mais puro era, com certeza, ou ao menos assim se considerava.

O silêncio o aborreceu, de repente. Observou a câmara ao redor, um salão colossal de superfícies brilhantes. Era tão desagradável, tão triste estar só, ainda que dotado de poderes incríveis. Para que toda aquela energia, força e influên-

cia, se não havia ninguém para adorá-lo? Podia comandar legiões, enviar exércitos para a morte, mas ainda assim não era venerado. O último que o amara, até onde se lembrava, fora seu pai, mas isso já fazia tanto tempo que as recordações eram difusas. Como não podia mais tê-lo a seu lado, e certamente nunca mais o veria, preferiu esquecê-lo. Sozinho ele estava, e assim ficaria. Sozinho derrotaria os irmãos e se consagraria como o maior dos arcanjos. Não igual a Miguel, mas muito superior, mais próximo, definitivamente, do resplandecente Yahweh.

Enquanto pensava nessas coisas e arquitetava suas estratégias de grandeza e controle, uma explosão de luz, coruscante e silenciosa, surgiu no centro da câmara. Apagou-se logo em seguida, e ele distinguiu, no piso gelado, uma figura deitada no chão – era um dos malakins, uma turba de profetas chatíssimos, segundo sua visão, imbecis fatalistas, que nada faziam a não ser observar e estudar a espécie mortal. Alguns podiam se teleportar, ele sabia, mas nunca imaginou que um anjo daqueles invadiria o Palácio Celestial. Devia ser louco, ou simplesmente errara o alvo durante uma contestação de poder. Estava muito fraco, com a energia da aura quase sumindo, tornando óbvio que sua viagem não fora nada fácil – ele havia vindo de longe.

Em vez de ralar, Lúcifer se divertiu. Era patético que um malakim perdesse sua rota, logo eles, que se orgulhavam tão enfaticamente de seus acertos “perante o universo”. A figura enfim se moveu, tentou se levantar, mas não conseguiu – as asas tremiam, o corpo pesava. Suas vestes eram brancas, semelhantes às togas, deixando os braços escuros à mostra. A pele era de um marrom profundo, e na cabeça fios grisalhos, muito ralos, davam a impressão de calvície. Guardava um aspecto frágil, idoso, de nariz fino e olhos amendoados.

Arrastou-se aos pés do arcanjo e ergueu um rolo de pergaminho, lacrado com o selo angélico, cujas runas, se transpostas ao alfabeto humano, indicariam as consoantes MTRN. Lúcifer não aceitou o presente. Levantou-se e circulou o recém-chegado, analisando-o com curiosidade infantil.

– Toma o pergaminho, Estrela da Manhã – implorou o visitante, com voz doentia. – É a tua salvação!

– Como se atreve? – reagiu o arcanjo. – Diga aos seus ridículos líderes de casta...

– Não, não... – o malakim ousou interromper. – Assim entendes tudo errado. Foi *ele*. Ele te mandou a mensagem.

Lúcifer deteve-se por um instante, avaliando mentalmente a coerência da afirmação.

– Vou matá-lo, seja quem for – ele nunca tinha visto aquele celeste. – Entra no meu palácio, duvida da minha causa, julga meus atos.

O moribundo sorriu, entortando a face numa expressão de clemência.

– Não podes me matar, Estrela da Manhã. Sei tudo que fizeste e o que ainda vais fazer. Sei tudo de ti. Estou vivo, estou morto, existo, não existo. Se visses o universo como vemos, saberias que passado, presente e futuro são unos. Morrer aqui nada significa. Continuarei vivo antes e depois.

O arcanjo não entendeu. Os malakins eram filósofos pedantes, e, não importava o que aquele ser falasse, nada o livraria. Fora longe demais, desafiara Lúcifer e seria punido. Antes de aniquilá-lo, porém, o Filho do Alvorecer rompeu o selo do pergaminho e o leu mentalmente.

Seu coração disparou. Achou que ia desabar, perder completamente a razão. A garganta apertou, e uma dor apunhalou-lhe o espírito. Engoliu em seco, respirou fundo, fitou o teto, jogou o documento no chão... e num minuto recobrou a postura.

– Uma falsificação barata. Ele escrevia melhor do que isso.

– Enganas a ti próprio – o malakim fez uma pausa. – Esperávamos tocar-te. Ainda esperamos. Esperaremos. O que cometerão... É terrível. Haverá massacres, guerras, derramamento de sangue.

– Ou seja – Lúcifer acrescentou, com diabólica alegria –, nada que já não fazemos agora.

– Há esperança – o outro insistiu. – Voltei para isso. Precisava saber, Estrela da Manhã. Sei o que vai acontecer. Teus esforços são inúteis. Rejeita a mentira. Abraça a causa de Deus.

– Quem é você para evocar a causa de Deus? Eu fui aquele que estive mais próximo da Luz. Eu a vi diante de mim. Sou o primeiro, o ungido, o consagrado, o iluminado.

– A Luz não te iluminou, arcanjo, ela te cegou.

Num acesso de fúria, Lúcifer ergueu os braços, incendiando o corpo do invasor numa veloz detonação de labaredas vermelhas. Enquanto a fogueira ainda ardia, lançou às chamas também o pergaminho, até tudo ser reduzido a pó.

O irmão Miguel surgiu no salão, talvez uns vinte minutos depois, atraído pelo escarcéu. Trajava a armadura de placas completa e carregava na cinta sua famosa espada, a Chama da Morte, recolhida à bainha.

– O que aprontou desta vez? – suas palavras eram sempre assim, impositivas. Tratava Lúcifer como o caçula malvado, ainda que devessem ser iguais, eles dois.

- Eu? Ora, absolutamente nada – o Filho do Alvorecer mudou de assunto.
- Ouvi dizer que *ele* está vivo. Na verdade, muitos deles ainda estão.
- E daí? Deixemos que caminhem entre os macacos. Que morram, que se matem, que fornicuem com as fêmeas. O que temos a ver com isso?
- Quero-os mortos.
- E quem vai pegá-los? Jamais os acharemos.
- Precisamos de algo grande desta vez.
- Muito bem. Enviarei Ablon, meu maior general.
- Cavará mais sepulturas.
- E o que sugere? Fogo, gelo, terremotos... Já fizemos de tudo. Lúcifer fitou as cinzas do malakim. E teve uma ideia.
- Um dilúvio.
- Destruiremos também as nações, os impérios humanos.
- Eles nos desafiaram, esses reis. Talvez por escolha própria, talvez por influência *deles*, mas que diferença faz? Esmagaremos nossos inimigos, sejam quem forem, estejam onde estiverem.
- Rafael nunca aceitará.
- Já aceitou coisas piores. E Uziel fará o que você ordenar.
- E quanto a Gabriel?
- Mande-o para a Haled. Deixe-o lá por um tempo. Afaste-o, lance-o em missão.
- Parece razoável.
- É perfeitamente aplicável – manobrou a Estrela da Manhã. – Quando as ideias são minhas, Miguel, deve entender que sempre dão certo. – Mas, subitamente, recordou-se das palavras do malakim: “Teus esforços são inúteis. Rejeita a mentira. Abraça a causa de Deus”. – A Roda do Tempo... Deve removê-la da Casa da Glória – adicionou. – Guarde-a consigo, na Fortaleza de Sion. Passado, presente ou futuro. Nós os governamos.
- E quem é esse? – perguntou o arcanjo, finalmente, apontando para o monólito cinzento que conspurcava o assoalho celeste.
- Ninguém. Nunca foi ninguém e certamente jamais o será.